

TELEVISÃO E ENSINO DE HISTÓRIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Jefferson Fernandes de Aquino

UERN / SEEPB

jeffersonczpb@gmail.com

RESUMO

A televisão se constitui num meio de comunicação de massa que, em sala de aula, pode ser nosso maior aliado no processo de ensino e aprendizagem. Todavia, as produções midiáticas atendem a um interesse mercadológico que deve ser levado em consideração quando se aplicados alguns de seus recursos, tais como as novelas, filmes e séries. No que tange ao ensino de História, a televisão pode-nos auxiliar na compreensão histórica do tempo presente, bem como na concepção de passado através da construção simbólica dos personagens, fatos e outros mecanismos visuais dos quais os livros se tornam, muitas vezes, incapazes de gerar tal imaginário. Desta maneira, este estudo se propõe a analisar, através de uma pesquisa bibliográfica e imagética, a importância da televisão no ensino de História, de modo a configurar um diálogo possível entre o docente e o alunado na construção (memorial e sensorial) do passado. Neste sentido, trabalharemos com Evangelista, Pinto e Paiva (2013), Gómez (2002) e Jucieude (et.al) (2016) a fim de compreendermos as relações entre a TV e a escola, bem como Santos e Luz (2013) e Rodrigues (2008) para compreendermos o papel social da televisão. No campo da historiografia, abordaremos o conceito de História do Tempo Presente na perspectiva de François Dosse (2012) e Delgado e Ferreira (2013) e, desta forma compreender melhor como estas concepções de televisão, ensino e História se imbricam.

Palavras-chave: Ensino de História; Televisão; Concepção histórica.

INTRODUÇÃO

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para
(O tempo não para, Cazuza)*

O refrão da música *O tempo não para* de Cazuza nos dá o mote introdutório visto a sua riqueza de detalhes em singelas palavras. Após sair de uma aula de História, no 9º ano do Ensino Fundamental, discutindo os Regimes Totalitários tive uma ligeira impressão de que, como Cazuza diz na música, ver o *futuro* repetir o *passado*. Ligo a

televisão, mais à noite a fim de assistir o jornal e lá vejo noticiários que só me fazem pensar mais ainda nas várias repetições do passado no “futuro”, ou melhor, no presente.

Nas redes sociais ataques ferrenhos a político “x” ou “y” em meio a ideologias vazias me trazem a mesma preocupação de ver o *futuro* repetir o *passado*. Se não é um ataque coordenado entre EUA, Inglaterra e França à Síria, são os escândalos de corrupção no Brasil descobertos pela Operação Lava Jato. Ou então o grande mistério por trás das figuras de Vladimir Putin e Kim Jong-un. Não sei porque, mas me faz lembrar de um passado ainda muito recente da história mundial: a Segunda Guerra Mundial ou então a Guerra Fria.

No campo historiográfico, o presente acaba sendo copartícipe do passado, visto que as tensões atuais são provenientes de sentimentos ou ações difundidas num período não tão distante assim do hoje. Neste meio, os recursos tecnológicos acabam por acelerar o processo de difusão de ideias e notícias em tempo recorde. De modo que é muito capaz de, em fração de segundos ou minutos sabermos de notícias que estão acontecendo do outro lado do globo e que podem muito bem nos atingir.

Em sala de aula, tais informações aparecem de forma desordenada e sempre ligadas a uma fonte, quer seja uma rede social, ou então a própria televisão. Com isso, este estudo versa, além dessas e outras nuances, na própria aplicabilidade de alguns dos vastos recursos televisivos no ensino de História, como forma de estabelecer um conectivo entre o saber científico (escolarizado) e a percepção dos alunos (a partir de suas vivências e olhares diante da “*telinha*”¹¹⁴)

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

A escola tem, em sua função social, o dever de proporcionar um ambiente acolhedor e propício à educação. Em sala de aula, é muito comum usarmos exemplos advindos da própria vivência dos alunos, quer seja para exemplificar algo ou até mesmo para ativar o conhecimento prévio deles no assunto ora abordado.

Assim, refletir sobre a escola é pensar numa máquina de corpo, alma e coração, ou seja, ela é constituída de um mecanismo que, quando somado e devidamente lubrificado é capaz de pulsar esse conhecimento que emana de todos os agentes que dela fazem parte e nutrir com vida o seu corpo, neste caso, os alunos.

¹¹⁴ Entenda-se o termo em destaque à televisão e não a uma emissora em especial.

A televisão pode se colocar enquanto um recursos didático em vários aspectos, mesmo sob resistência de muitos docentes que veem nela uma ameaça ou algo tendencioso. Contudo, para a História, a TV se torna uma excelente fonte para se estudar o tempo presente, além de ampliar a compreensão do passado a partir do modelo da exemplificação.

Segundo Evangelista, Pinto e Paiva (2013, p.729):

Entendemos que a televisão além de atuar como agente de informação e entretenimento, ela também desempenha papel formador, independente das instituições legitimadas para tal, família e escola. Ela transmite valores sociais e padrões de comportamento [...]. Por outro lado, há a tendência por parte da escola de rechaçar os conteúdos televisivos de modo geral, estabelecendo a incomunicabilidade entre esses espaços. Esta perspectiva é construída com base em alguns estereótipos atribuídos à televisão: 1) A TV é encarada por alguns professores como inimiga da educação formal, pois transmite conteúdos nocivos para a educação dos jovens; 2) A TV é espaço do não-sério, com conteúdos que vão de encontro com matérias e assuntos pedagógicos; 3) Cabe exclusivamente à escola a função de educar. (EVANGELISTA; PINTO; PAIVA, 2013, p.729).

Como veículo de comunicação de massa, a televisão é sim um instrumento muito complexo, porém nem totalmente tendencioso. Segundo Jucieude [*et.al*] (2016, p.2), a escola enquanto instituição e os meios de comunicação aparecem como sistemas culturais que se relacionam, mas que diferenciam entre si, pois a um se enquadra o pensamento escolarizado, científico, racional, enquanto que ao outro prevalece a imagética, a diversão e a afetividade.

Neste sentido, é válido ressaltar que os sujeitos ao longo da trajetória humana, tende a se correlacionar com os inventos tecnológicos e a eles se estabelecer uma relação de dominação. Exemplo disso é o fogo que, no Paleolítico modificou a vida do ser humano, até mesmo a sua fisiologia e o conduziu, posteriormente ao caminho da sedentarização. Com a TV e a internet, por exemplo, não é algo de tão diferente, pois a invenção de ambos proporcionou ao ser humano a capacidade de se comunicar em larga escala, de modo que é possível, como bem afirmamos anteriormente, sabermos de algo em fração de minutos ou segundos do que acontece, por exemplo, do outro lado do globo.

Segundo Santos e Luz (2013, p. 35):

A partir do momento que a TV passou a existir, as pessoas não necessitavam mais do uso da imaginação para criar um cenário ou a figura da pessoa que elas escutavam no rádio. A televisão possibilitava ao público uma experiência integral - ele passa a ser capaz de visualizar a telenovela, o telejornal ou o seu programa favorito, além de escutá-lo como já fazia. Esses

acontecimentos se pode chamar de antiga TV, analógica, com história internacional e nacional semelhante. (SANTOS; LUZ, 2013, p.35).

No que tange ao seu potencial educativo, cabe-nos refletir, conforme Jucieude [et.al] (2016, p.9) como um instrumento que, utilizado na perspectiva ideal, somatiza o conhecimento visto que “[...] os meios de comunicação não operam tal cisão [razão e subjetividade], operam ao mesmo tempo com o sujeito da razão e o sujeito dos afetos[...].” (Idem, p.9).

Ao nosso ver, a televisão se mostra como um recurso, apesar de gerar dúvidas quanto a sua utilização em sala de aula por parte de alguns docentes, fantástico quando coligado e usado coerentemente com o tema proposto em sala, pois este é um espaço de diálogo, discussão e proposituras.

Foi do tempo em que a escola servia apenas para nutrir de saberes científicos os alunos que, por vezes decoravam e tão logo esqueciam o que haviam visto em sala ou aplicado numa prova. A escola de hoje tende ir na contramão desse saber totalitário, ela se apresenta como uma parceira no processo formativo do cidadão. E, quando tratamos disto, é inevitável que lembremos da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996 que, em seu artigo 2º aponta que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, s.n.t.)¹¹⁵.

Quanto a sua aplicabilidade na História, a TV tem, além de sua capacidade afetiva via o entretenimento, uma forte concentração de informações difundidas, sobretudo no noticiário (nacional ou local) que nos permite pensar no desenvolvimento do senso crítico, via a melhor compreensão dos fatos que permeiam este mundo globalizado do qual vivemos. E, mesmo embora a História seja vista como uma “ciência que estuda o passado”, alguns historiadores vem se debruçando em entender o tempo presente como uma análise do passado.

A TV, A HISTÓRIA E SEU ENSINO: *um diálogo possível*

É bem sabido por todos que, numa sala de aula, o encontro de vários sujeitos e, entre estes estejam dispostos entre alunos e professor(es) e este último, por mais “tradicional” que seja, acaba por se utilizar de recursos, tecnológicos ou não, para exemplificar sua fala, o que está no conteúdo, e muitas vezes, acaba por se reportar ao

¹¹⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 22 abr. 18.

cotidiano dos alunos para dar sentido aquilo que, aparentemente é de difícil entendimento ou que se relaciona com aspectos rotineiros.

Neste sentido, jornais (impressos ou televisivos), filmes, novelas (trechos), propagandas e outros dados que expressem opiniões, fatos ou dados podem ser utilizados por um professor de História, em sala de aula, a fim de gerar um diálogo sobre determinado tema.

Assim vejamos, por exemplo, os recentes ataques à Síria – do qual já mencionamos outrora, neste texto – coordenados pelos EUA, França e Inglaterra. É fato que eles estão ligados a um contexto geopolítico e histórico bem maior que é a própria Guerra na Síria e o governo de Bashar Al-Assad. Em breves palavras, as forças lideradas pelos norte-americanos embarcam na defesa contra a produção e uso de armas químicas, sobretudo após a reação síria aos grupos terroristas que assolam àquele país, revelando uma verdadeira “queda de braço”.

IMAGEM 1: PRESIDENTE DONALD TRUMP ANUNCIA ATAQUE À SÍRIA



Fonte: Youtube¹¹⁶

Nas aulas de História, tal noticiário, poderia vir exemplificado de várias formas. Ao estudar a Idade Média, por exemplo, um noticiário como este poderia nos servir de base para se discutir a formação de grupos muçulmanos logo após a criação do Islamismo, tendo em vista que a questão do terrorismo atualmente – que também pode

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x40_QIuvcp0>. Acesso em 22 abr. 18.

ser outro ponto de discussão com alunos do 9º ano ou do Ensino Médio – é oriundo, sobretudo, de uma leitura radical do livro sagrado, o Alcorão.

Mais do que isso, esse noticiário nos permite adentrar num campo da historiografia que está ligada a pensar a História do Tempo Presente. Segundo Dosse (2012, p.5-6):

A noção de “história do tempo presente” remete a uma noção que é ao mesmo tempo banalizada, controversa e ainda instável. Ela implica em uma reflexão sobre o “Tempo”, que foi durante longa data o impensado da disciplina histórica [...] A história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo. Ela se diferencia, portanto, da história imediata porque impõe um dever de mediação. Alguns historiadores, porém, preferem utilizar a noção de história imediata, como é o caso de Jean-François Soulet, que coordena a revista *Cadernos de história imediata*, outros preferem a noção de história do muito contemporâneo, como é o caso de Pierre Laborie. Alguns são ainda mais críticos, como é o caso de Antoine Prost para o qual a história do tempo presente não é nada mais do que a história em si, que nada a singulariza e que é, por conseguinte, um “pseudoconceito sem conteúdo verdadeiro”. (DOSSE, 2012, p.5-6).

Para Delgado e Ferreira (2013, p.24):

O que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais, [...] é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. A configuração da história do tempo presente está relacionada inexoravelmente à dimensão temporal presencial. Algumas de suas características definidoras decorrem dessa matriz nuclear. Existe um marco de início do tempo presente? Como as mudanças e o movimento da história interferem em sua delimitação temporal? Quais elementos interferem na metodologia de sua pesquisa e na seleção das fontes que serão investigadas e produzidas? Essas são questões que o pesquisador do tempo presente não pode desconsiderar, pois decorre dessas peculiaridades a dificuldade para estabelecer critérios precisos para definir o que é um passado recente. (DELGADO; FERREIRA, 2013, p.24)

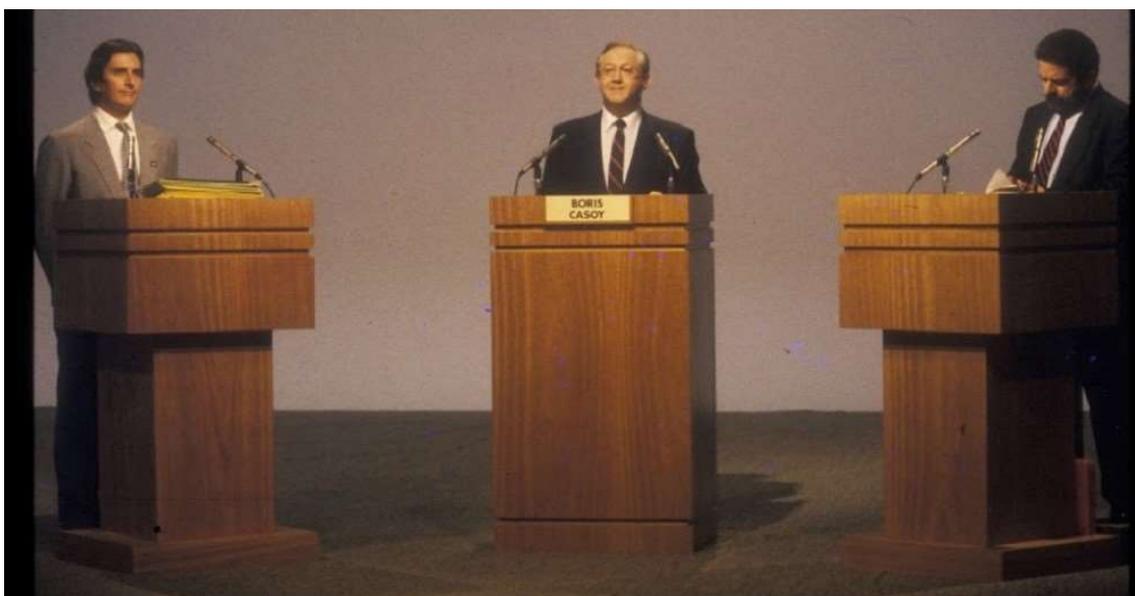
As falas de Dosse (2012) e Delgado e Ferreira (2013) nos ajudam a compreender os espaços de trabalho dessa corrente historiográfica. Nas salas de aula nos reportamos ao tempo presente não como uma forma de compreender o passado, mas sim como forma de criar subsídios para melhor exemplificar o passado através da comparação. A televisão, por exemplo, pode nos auxiliar nessa compreensão através dos seus noticiários, como bem já exemplificamos outrora.

Neste sentido, podemos elencar a televisão como formadora de opiniões e exportadora cultural, uma vez que, suas ondas se espalham com uma grande facilidade

e, segundo o Censo 2010, os aparelhos de TV estão em mais de 95%¹¹⁷ dos domicílios brasileiros.

Em 1992, segundo dados do IBGE¹¹⁸, 74% dos domicílios haviam aparelho de televisão. Em 1989 esse número era menor, contudo isto foi decisivo para a vitória de Fernando Collor de Melo à presidência da República naquele ano em um debate histórico e cheio de críticas contra Lula.

IMAGEM 2: DEBATE ENTRE LULA E COLLOR MEDIADO PELO JORNALISTA BÓRIS CASOY



Fonte: Observatório de Mídia¹¹⁹

Neste que foi o primeiro debate televisionado é marca, também do período de redemocratização do Brasil. A partir desse dado, em sala de aula, poderemos dialogar com nossos alunos os interesses da mídia nacional à época voltados para o candidato mais jovem e legítimo representante da direita brasileira que se fizeram latentes e devidamente representados naquela eleição. Através disso proporcionar aos alunos uma discussão acerca de um passado não muito distante de nosso País, pois as ideias do então candidato Collor, ligado ao PRN (Partido da Reconstrução Nacional), frente ao petista Lula, lhe davam ampla vantagem, pois, apesar de a Ditadura ter findado em 1985,

¹¹⁷Informação extraída do site: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/ibge-pela-1-vez-domicilios-brasileiros-tem-mais-tv-e-geladeira-d.html>>. Acesso em 22 abr. 18.

¹¹⁸Disponível em: <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=6&op=0&vcodigo=FED214&t=do_miciliosparticulares-permanentes-televisao>. Acesso em 22 abr. 18

¹¹⁹Disponível em: <<https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/as-elei%C3%A7%C3%B5es-presidenciais-de-1989-e-a-influ%C3%Aancia-do-debate-editado-pela-rede-globo-em-seu-resultado-9fbab2d8b470>>. Acesso em 22 abr 18.

o fantasma do comunismo ainda assolava e estava ali presente – de forma indireta ou velada, talvez – no discurso do adversário (Lula).

Embora não seja nosso foco de estudo, o exemplo acima é uma forma de apresentar como a televisão tem, dentro do seu papel de formadora de opiniões, influenciado ao longo da história e pode ser usado por nós historiadores e professores para ilustrar e gerar o debate em nossas aulas.

Neste sentido, Gómez (2002, p.67-68) nos afirma que “combater” essa pedagogia tradicional é se fazer pensar numa mudança do ponto de partida e do ponto de chegada, uma vez que a escola preservará sua “função educativa principal só na medida em que for capaz de orientar os diversos aprendizados dos seus estudantes” (p.68).

Franco (1999, p.104), nos aponta que:

De Certeau (1995, p. 10 1-143), ao discutir as atuais relações entre cultura e escola mostra como hoje, diferentemente do século XIX, a escola não mais centraliza a cultura, a divulgação do saber. Os estudantes não constroem seu conhecimento apenas a partir do que seus professores ensinam; eles mesclam essas informações com as que recebem de outros setores culturais como a mídia, a família, a igreja, os sindicatos, os partidos. (FRANCO, 1999, p.104)

A televisão, atrelada ao ensino de História, pode ser uma dessas ferramentas das quais sirvam para que o aluno possa, fora de sala de aula como nos aponta Gómez (2002, p.68) desbravar outros saberes.

Contudo, ao usar-se dessa mídia com coerência em sala de aula se faz necessário tomar alguns “cuidados” sobretudo quando falamos em novelas, filmes e séries, especialmente quando tratam acontecimentos do passado. De acordo com Franco (1999, p. 113):

[...] uma escola e um ensino de História preocupados em formar cidadãos que estabeleçam uma relação mais crítica com o conhecimento e com sua realidade social precisam apropriar-se dos produtos dos meios de comunicação de massa, mas não apenas como material lúdico, neutro e nem fazendo uma crítica externa a eles como se fossem naturalmente alienantes. Pelo contrário, devem construir um diálogo com as diferentes representações por eles veiculadas, sem buscar designar a *priori* o *locus* das verdades e o das mentiras, mas ajudando os alunos a inter-relacionarem criticamente as várias e contraditórias representações que circulam diferentemente inter e intra distintos espaços culturais e, a partir daí, conhecerem os múltiplos e contraditórios projetos e práticas sociais que elas legitimam, definem ou questionam para, finalmente, posicionarem-se consciente e autonomamente em relação a eles. (FRANCO, 1999, p.113)

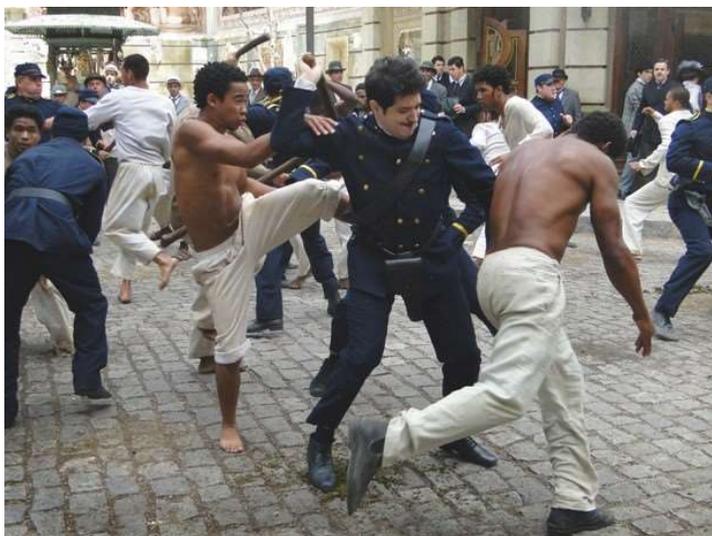
Nesta feita, aguçar o senso crítico do aluno por meio de um olhar mais analítico é entender, acima de tudo que, como formadores, nenhum meio extra ao livro didático deve ser utilizado como única fonte de saber, como nos aponta Franco (1999) no fragmento acima. Desta forma, outros meios podem ser somados aos conteúdos vistos em sala para que, como dissemos anteriormente, exemplifiquem ou gerem uma discussão acerca do tema.

As novelas também tem um cunho relevante para o estudo da História, uma vez que, ao se tratar de um campo do entretenimento, elas acabam por abordar (quando não são vinculadas a um passado histórico) questões particulares ao nosso dia a dia, tais como preconceito, homofobia, gênero e outros que, em sala podem se tornar cerne de um debate ligado a questão dos negros no Brasil oitocentista, ou até mesmo dos “crimes morais”, judaísmo e heresia tão investigados pelo Tribunal da Iquisição.

Na novela *Lado a Lado*, exibida em 2014 pela Globo, vários aspectos do Brasil do início do século XX são apresentados, e vários episódios da chamada República Velha são retratados, tais como a Revolta da Vacina e da Chibata, a questão dos negos pós-abolição, os direitos femininos e o próprio feminismo, e outros.

IMAGEM 3: CENA DA NOVELA LADO A LADO SOBRE A REVOLTA DA VACINA

120



Fonte: Gshow

Pela cena há uma reconstrução histórica da Revolta da Vacina na novela supracitada. Comportamentos, vestimentas, falas e outros elementos podem ser capturados e

¹²⁰ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/lado-a-lado/Fique-por-dentro/naquele-tempo/noticia/2012/10/naquele-tempo-que-ze-maria-luta-com-a-policia-na-revolta-da-vacina.html>>. Acesso em 22 abr. 18.

exemplificados pelo professor em sala de aula, a fim de ampliar o conhecimento da História do alunado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange o ensino de História, as mídias, como a TV, por exemplo, se tornam fortes aliadas na exemplificação dos fatos, como mostramos ao longo deste estudo, sobretudo os mais recentes, por meio dos noticiários.

Mesmo sendo um produto do qual é muito bem utilizado para outros interesses, a saber comerciais, políticos e de ação social através de ONGs, a televisão mostra a sua grande marca, pois, mesmo com o advento e ascensão das redes sociais, existe uma forte confiança no que tange a difusão e seriedade das informações creditadas à TV.

De forma que, o grande desafio de se estudar História hoje é gerar, em nosso alunado, uma consciência de que é importante se levar em consideração a nossa trajetória histórica para compreendermos o presente de uma forma mais crítica e atender, dessa forma, o que contempla a primeira competência da nova BNCC que é “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (MEC, 2017, p.9).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 22 abr. 18.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do Tempo Presente e Ensino de História**. Revista História Hoje, v.2, nº4, 2013, p.19-34.

DOSSE, François. **História do Tempo Presente e Historiografia**. Revista Tempo e Argumento, v.4, nº1, jan/jun, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2012, p.5-23.

EVANGELISTA, Jucieude de Lucena [*et.al*]. **Meios de comunicação e escola na contemporaneidade:** conflitos e diálogos possíveis. *Educere et Educare*. Brasil, v.11, nº23, jul/dez, 2016.

_____; PINTO, Márcia de Oliveira; PAIVA, Maria Soberana de. **Televisão e Educação:** reflexões sobre o uso da televisão na escola. *In.:* GALENO, Alex [*et.al*]. *Pesquisa em Comunicação*. Natal: EDUFRN, 2013, p.727-736.

FRANCO, Aléxia Pádua. **Ensino de História, Televisão e Pluralidade Cultural:** (re)pensando relações. *Revista Educação e Realidade*. V.24, nº2, jul/dez, 1999, p. 103-122.

GOMEZ, Guillermo Orozco. **Comunicação, educação e novas tecnologias:** tríade do século XXI. *Comunicação & Educação*. Brasil, nº23, jan/abr, 2002, p.57-70.

MEC. BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2017.

SANTOS, Pablo Vitor Fontes; LUZ, Cristina Rego Monteiro. **História da Televisão:** do analógico ao digital. *Revista Inovcom*, v.4, nº1, 2013, p.34-46.